

Panorama Político

Tereza Cruvinel

■ DE BRASÍLIA



A cabeça de FH

Para uns, a trombada entre o presidente Fernando Henrique e o senador Antônio Carlos Magalhães estava escrita nas estrelas. Têm métodos políticos tão semelhantes quanto água e chocolate. Para outros, foi uma trapalhada mesmo. Explicações de toda ordem ainda vão aparecer. Mas os que melhor conhecem o processo decisório do presidente, também chamado estilo, explicam o episódio como produto de um pensamento singular, que mistura dialética, ambigüidade e, ao mesmo tempo, determinação.

Um deles assim resume a cabeça do chefe: por natureza e formação, ele prefere convencer a vencer (ao contrário de Antônio Carlos). Não gosta de conflito nem de dizer não. Por isso, às vezes dá a impressão de que vai para frente e para trás. Mas, se prestarmos atenção, ele sempre chega aonde quer, diz o auxiliar. Sendo conciliador, é também ambíguo, dá a impressão de concordar com o interlocutor, contorna a divergência e acaba fazendo com que sua opinião prevaleça sem parecer que foi imposta. Assim administrou o temperamento mercurial de Itamar Franco. Assim tem arbitrado divergências entre ministros e conduzido relações com os partidos. Um exemplo recente: Fernando Henrique, desde o início das denúncias, achava que o ex-secretário Milton Dallari devia deixar o cargo. Mas quando Dallari insistiu em permanecer, ele aceitou. Pareceu recuo. Dallari ficou até que sua própria situação, insustentável, determinou a demissão. Outro exemplo. O

senador Ronaldo Cunha Lima insistia, há duas semanas, em modificar a emenda do petróleo, o que implicaria seu retorno à Câmara. Fernando Henrique garantiu ao relator que não privatizaria a Petrobras e que faria a regulamentação por lei complementar. Ronaldo pediu compromisso escrito, o presidente mandou uma carta ao Congresso nesses termos. Pareceu fraqueza. O senador ficou satisfeito e fez sua parte. Mas, segundo os juristas, na época não se poderá optar pela lei complementar.

No caso do acordo com o senador Antônio Carlos em torno do Banco Econômico, o sistema não funcionou. Fernando Henrique não poderia, de fato, recusar a um aliado tão importante a discussão de uma saída. Não se comprometeu inteiramente com a fórmula, mas deixou claro — sete vezes, segundo quem ouviu a gravação da conversa — que o Banco Central não poria dinheiro na operação de salvamento. Mas também não falou em exigir garantias de R\$ 1,8 bilhão. Detalhes técnicos seriam discutidos depois. No encaminhamento, pode ter pensado, os próprios baianos acabariam percebendo que tomaram o caminho errado. Mas esse era um jogo pesado. Certos de haverem dobrado o presidente, os baianos fizeram um carnaval que incendiou os brios tucanos e chocou a sociedade. Horas depois o Banco Central poria, em nota, os detalhes técnicos que o presidente não introduzira na conversa. Ele e ACM colidiram.